

O fio e a trama: sobre literatura e psicanálise – “o caso Freud”

*The thread and the plot: on literature
and psychoanalysis - “the Freud case”*

Alzira Tude Sa*
Universidade Federal da Bahia

Resumo: A invenção da psicanálise por Freud abriu um campo fértil na relação com a literatura. Sua formação cultural, seu estilo literário, seu senso de observação do mundo permitiram-lhe construir uma teoria dos comportamentos humanos atualizando os grandes mitos da literatura. A leitura dos textos O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov, de Walter Benjamin, e Atos ficcionais em Freud, de Roberto Corrêa dos Santos, foi tomada como referencial para o estudo e a análise dessa relação que, de forma visceral, foi estabelecida e responsável por uma das maiores buscas e “encontros” do homem consigo mesmo: a psicanálise freudiana.

Palavras-chave: Literatura. Psicanálise. Sigmund Freud.

Abstract: The invention of psychoanalysis by Freud has opened a fertile field of relationship with the literature. His cultural formation, his literary style, his sense of observation of the world allowed him to build a theory of human behaviors, upgrading the great myths of literature. The reading of the text Factionaries Acts in Freud, of Roberto Corrêa dos Santos, was taken as a referential for study and analysis of this relation that, in a visceral way, has been established and responsible for one of the largest search and "meetings" of man with himself - freudian psychoanalysis.

Keywords: Literature. Psychoanalysis. Sigmund Freud.

Recebido em 20 de agosto de 2018

Aprovado em 19 de dezembro de 2019

SÁ TUDE, Alzira. O fio e a trama: sobre literatura e psicanálise – “o caso Freud”. *Léguas & Meia*, Brasil, n. 9, v. 1, p. 217-225, 2019.

1 INTRODUÇÃO

A invenção da Psicanálise por Sigmund Freud é fruto de uma conjugação de fatores: uma profunda reflexão sobre seu exercício médico-clínico, um trabalho intensivo e irrequieto sobre ele mesmo, de autoanálise, e uma incitação constante provocada pelo contato com a literatura. Sua formação cultural, centrada no estudo das Ciências Humanas e seus dramas pessoais, envoltos, literariamente, por figuras mitológicas e lendárias, marcam o estilo da escrita freudiana.

São estreitos os laços entre Literatura e Psicanálise firmados desde o nascimento deste novo saber, que encontra na literatura temas que irão se tornar caros ao campo teórico-psicanalítico: o desejo, a verdade, o duplo, o narcisismo, os laços familiares, o prazer. Em tais temas, Freud vai encontrar a potência do inconsciente nas motivações humanas e conseqüentemente constatar o enigma da vida. Freud considerava a Literatura uma fonte de saber à qual sempre recorria: Shakespeare, Hoffman, Schiller dentre outros.

Por apreciar a ficção, Freud foge de uma escrita nos moldes das monografias clássicas de seu tempo, vindo a produzir um gênero textual híbrido, com marcas do discurso científico e do literário. Esta ficcionalidade é justamente a característica sem a qual a Psicanálise não existiria. Seu interesse por obras de ficção permite-lhe um olhar diferenciado sobre o mundo e os homens, sem o qual não teria ultrapassado as rígidas fronteiras de seu campo profissional. Com essas lentes, Freud atualiza a leitura dos grandes mitos da Literatura e constrói uma teoria dos comportamentos humanos. Sem a psicanálise freudiana, Édipo, de Sófocles seria só um personagem de ficção e não um modelo universal do funcionamento psíquico. Foi a partir da aventura pelo território da clínica e da arte, especialmente da Literatura, que foi possível o nascimento da Psicanálise.

Freud desestabilizou a unilateralidade que o Ego alcançou na modernidade. Nesse tempo, no âmbito da ciência, as conquistas pareciam dar a certeza de que a mente humana era o centro de onde tudo irradiava, a exemplo de Descartes, Kant e Nietzsche. Sigmund Freud sublevoou esse universo mental ao investir na interpretação dos sonhos, chamando a atenção para a existência de uma dimensão psíquica que ainda não se tinha levado em conta: o inconsciente. Para ele boa parte de nossas vidas é fruto de um tempo passado e que está adormecido, cujos processos psíquicos continuam neste estágio de vida, a despeito da aparente morte do Ego, que sempre ressurgue. Com isto provocou uma revolução epistemológica e ainda descobriu que o Ego precisava de terapia, da cura de uma doença que assolava toda a civilização.

Sobre essa doença, Terry Eagleton (2006, p. 229) considera que “se Marx analisou as conseqüências de nossa necessidade de trabalhar em termos das relações sociais, classes sociais e formas de política que ela encerrava, Freud estudou suas implicações para a vida psíquica.” Para Eagleton (2006), tal necessidade nos impõe uma renúncia aos nossos desejos e desprezar os desejos de que não somos capazes de realizar, nos torna seres doentes, enfermos, de um mal conhecido como neurose.

Quando iniciou suas pesquisas, no século XIX, Freud escandalizou a sociedade da rígida e sisuda era vitoriana ao discutir abertamente assuntos tão delicados como a sexualidade feminina e infantil. Estimulados a falar, a narrar, seus pacientes adultos, chamavam a sua atenção para questões remetidas à fatos acontecidos na infância. Neste tempo, à infância não era dada o devido valor diante da existência humana e agora ela tomava vulto nos estudos e análises desenvolvidos por ele.

Os escritos de Freud, sobre as experiências vivenciadas com seus pacientes, quando divulgados deixavam estupefatos os homens de sua época. Em 1925 escreve *Um estudo autobiográfico* e a esse escrito acrescenta um Pós-escrito, no qual afirma que dois temas são abordados na sua autobiografia:

[...] a história da minha vida e a história da psicanálise [...]: esse estudo autobiográfico mostra como a psicanálise veio a ser todo o conteúdo da minha vida e com razão presume que minhas experiências pessoais não são de qualquer interesse ao se traçar um paralelo de minhas relações com aquela ciência. (FREUD, 1925).

Dito isso podemos pressupor que estas sejam histórias profunda e intimamente entrelaçadas. O fundamento da escrita que conta essas histórias é a narratividade. E é exatamente a narração dos acontecimentos – seja na prática da clínica, seja na sua vida pessoal, seja ainda como observador do mundo – que vai originar o saber teórico-clínico da Psicanálise. Acontecimentos, observações que, ao se transmutarem, levam-no à invenção do saber psicanalítico o que acaba por demarcar a importância do narrar para Freud e para a psicanálise.

2 FREUD E BENJAMIN: O FIO E A TRAMA

Nesse sentido, torna-se relevante trazer as considerações de Walter Benjamin (1994) sobre a arte de narrar, em seu texto *O narrador: considerações sobre Nikolai Leskov*, para uma maior compreensão do próprio fundamento do processo analítico, como também as reflexões de Roberto Corrêa dos Santos, que entende essa arte como uma das táticas da escrita freudiana.

Segundo Benjamin (1994), o ato de narrar é um modo de intercambiar experiências: “O narrador retira da experiência o que ele conta, sua própria experiência ou relatada pelos outros. E incorpora às coisas narradas às experiências de seus ouvintes”. (BENJAMIN, 1994, p. 201). Em “O caso Hans”, estudado por Freud, o narrador/paciente Hans, narra para o pai; o pai de Hans registra o que Hans narra; o narrador/autor Freud relata o que o pai de Hans registrou e narrou. Para Benjamin (1994, p. 200)

[...] o narrador é um homem que sabe dar conselhos retirados da experiência. Aconselhar é menos responder a uma pergunta que fazer uma sugestão sobre a continuação de uma história que está sendo narrada. Metade da arte de narrar está em evitar explicações.

Lacan, no Seminário 20, *Mais ainda*, de 1972-73, afirma que:

[...] o inconsciente é estruturado como uma linguagem e ressalta o seu caráter de não dizer tudo. É nesse fracasso em que a língua cessa de funcionar como toda, como óbvia transferência, que se revela que algo não cessa de funcionar como vida, ao contrário, insiste.

“O extraordinário e o miraculoso são narrados com a maior exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser [...]” diz Benjamin (1994, p. 203), e essa liberdade de interpretar a que Freud esteve sempre sujeito gerava nele angústia e responsabilidade.

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto se ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mais profundamente se grava nele o que é ouvido. (BENJAMIN, 1994, p. 205).

Benjamin (1994, p.205) ressalta que a narrativa floresceu num meio artesão e, em certo sentido, é uma forma artesanal de comunicação. “Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso”. Na perspectiva do autor:

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia [...] esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro. (BENJAMIN, 1994, p. 204).

Estado que na Psicanálise, vai ser denominado de tensão flutuante.

“Os narradores gostam de começar suas histórias com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir, a menos que prefiram atribuir essas histórias a uma experiência autobiográfica.” (BENJAMIN, 1994, p. 205). Acrescenta o autor que é nestes momentos que “[...] os vestígios dos fatos estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata”. Observador e catador de vestígios, Freud sempre se ateve a um olhar e um ouvir perscrutador, daí os vestígios sempre o levarem à composição de um todo. Quando Benjamin (1994, p.206) se volta para o estudo e análise da crise da narrativa na modernidade e quando trata do nascimento atual da short story, afirma que no mundo de hoje

[...] não mais se permite essa lenta superposição de camadas finas e translúcidas que representa a melhor imagem do processo pelo qual a narrativa perfeita vem à luz do dia, como coroamento das várias camadas constituídas pelas narrações sucessivas.

Para ele, “[...] não se percebeu até agora que a relação ingênua entre ouvinte e o narrador é denominada pelo interesse em conservar o que foi narrado. Para o ouvinte imparcial, o importante é assegurar a possibilidade de reprodução.” (Benjamin, 1994, p. 210). E a ingenuidade dessa relação a que Benjamin se refere, não está centrada na credulidade do ouvinte quanto ao que é narrado desde quando ao se reportar à questão da memória, no seu entendimento, ela “é a mais épica de todas as faculdades [...]” (Benjamin, 1994, p. 210).

Para Freud, o aparelho psíquico é um aparelho de memória e linguagem sendo que a memória funciona como uma espécie de registro e a linguagem é da ordem do funcionamento desse registro, sendo portanto, o lugar do narrador, um não-lugar.

Walter Benjamin (1994) por sua vez, ao se referir à reminiscência, tece a seguinte consideração:

[...] ela inclui todas as variedades da forma épica. Entre elas encontra-se em primeiro lugar a encarnada pelo narrador. Ela tece a rede que em última instância todas as histórias se constituem entre si. Uma se articula na outra [...] Em cada um deles vive uma Scherazade, que imagina uma nova história em cada história que está contando. (BENJAMIN, 1994, p. 211).

Ainda segundo o autor “o sujeito só pode ultrapassar o dualismo da interioridade e da exterioridade quando percebe a unidade de toda sua vida [...] na corrente vital do seu passado, resumida na reminiscência”. Considera que os movimentos precisos do artesão, que respeita a matéria que transforma, têm uma relação profunda com a atividade narradora, uma maneira de dar forma à imensa matéria narrável simbolizada pela ligação secular entre a mão, a voz, o gesto, a palavra.

3 FREUD E A LITERATURA: MITOS, ESTILO , AUTORIA

Ao buscar dar sentido a uma “imensa matéria narrável”, Freud faz de seus escritos uma atividade narradora. Em seu ensaio *Atos ficcionais em Freud*, Roberto Corrêa Santos (1999) o considera um narrador. Segundo o crítico literário, os textos freudianos situam-se, na sua maioria, na tradição dos relatos, perto das lendas, dos mitos, dos casos e, sobretudo, da literatura romanesca. Esta seria a primeira tática da escrita de Freud analisada pelo autor.

Na visão de Paulo César de Souza (2006, p. 9), tradutor de Freud, o estilo freudiano, é considerado como clássico e ao mesmo tempo pessoal desde quando “Sua prosa científica reúne, de modo singular e excepcional, ambas as capacidades, a de escritor e pesquisador.” Acrescenta o autor que os assuntos abordados por Freud, nos seus textos, por serem de grande complexidade, geravam nele a preocupação em torná-los inteligíveis, mantendo-se atento às questões que envolviam a divulgação e recepção de sua obra. Por ser um exímio narrador Freud chega a ser considerado um grande estilista da língua alemã, vindo a ganhar o Prêmio Goethe de Literatura.

A relação mantida por ele com a literatura e a sua designação como escritor de textos que se prestam à análise literária e à interpretação, são recorrentes na literatura psicanalítica. Quanto ao seu estilo, a pesquisadora Vera Lúcia Colucci (2006) considera que

Freud não foi somente o fundador da Psicanálise e seu mais brilhante teórico, ele também se apresenta como o mais notável escritor na história da disciplina. Ela abre a possibilidade de suas teorias serem questionadas e modificadas, porém seu estilo permanecerá inigualável. (COLUCCI, 2006. p. 5).

O estilo freudiano se situa entre os apelos do modelo científico da época e a construção de uma escrita poética, apresentando sempre uma sensibilidade investigativa e acolhedora das suas vicissitudes. Na sua narrativa, Freud sempre aponta e dá visibilidade à estratégia textual que ele elegeu para a construção da Psicanálise - o tecer e o trançar - que são metáforas do processo analítico e também o desemaranhar, desembaraçar os fios dos nós do processo arquitetado pelo outro.

No Pós-escrito de 1932, do texto *Um estudo autobiográfico*, de 1925, Freud declara: “Eu próprio acho que se verificou uma importante mudança (nele). Fios que no curso do meu desenvolvimento se haviam enredado começam então a separar-se.” Tecer, trançar, desemaranhar, apertar os fios da trama são termos que remetem, na escrita freudiana, na sua estratégia textual, ao processo analítico, ao manuseio do material oferecido e advindo da análise. Remetem a Scherazade que tecia/narrava histórias a cada noite, adiando a morte. Remetem a Penélope cujo tecer e o desmanchar os fios, para vir a tecê-los de novo, tem o papel de domar a angústia da espera.

A literatura e os seus meios particulares de apreensão daquilo que escapa à razão, tornam-se o laboratório, juntamente com a clínica, o espaço no qual Freud se exercita na

investigação da psique. Ao discutir a relação de Freud com a literatura, Colucci (2006, p.4) considera que “o efeito produzido por Freud sobre a literatura não foi maior do que o efeito da literatura em Freud”. Tal relação pode ser constatada quando ao se debruçar sobre a obra shakespeariana e ao escrever sobre Ricardo III, Freud afirma ter chegado à seguinte conclusão: “[...] após essa longa digressão pela pura Literatura, retornemos à experiência clínica, mas apenas para estabelecermos, em poucas palavras, a inteira concordância entre elas”. (FREUD, 1916. vol. XIV, p. 335).

Quanto aos mitos, a narrativa freudiana não se reduz a uma narração literária, nem a uma narração histórica. O mito funciona como um lugar estratégico, onde não só a descrição dos fenômenos como sua própria descoberta, se tornam impossíveis fora da linguagem mitológica. No texto *Escritores criativos e devaneios*, Freud afirma que “os mitos são muito provavelmente, vestígios deformados de fantasmas de desejos comuns a nações inteiras e representam sonhos seculares da jovem humanidade”. (FREUD, 1908. vol. IX). Seus escritos são povoados de personagens mitológicas, figuras reveladoras da alma humana, tanto quanto os sonhos e os sintomas, como as figuras de Édipo, Narciso e tantos outros, verdadeiras matrizes do inconsciente.

A variedade das produções freudianas demonstra ou leva-nos a compreender a relação mantida entre Freud e a escrita. Ele dava importância e destaque a todo e qualquer detalhe que o levasse ao entendimento da realidade psíquica. E como uma das suas táticas de escrita, Santos (1999) aponta exatamente para o caráter investigativo dos seus estudos, referentes não só aos de cunho científico, mas àqueles no âmbito do chamado romance policial. Tal assertiva fundamenta-se numa das declarações de Freud quando, em 1917, nas Conferências introdutórias à psicanálise, vol. XVI, confessa: “[...] eu fiz parecer como se o mais tênue dos sinais tivesse me possibilitado, como a um Sherlock, adivinhar a situação.”

A tentativa de ver nestes sinais, além das aparências é por Freud considerado como uma arte, daí buscar na ficção de Arthur Conan Doyle, no famoso personagem detetive Sherlock Holmes, a forma de ilustrar e de como se deve conduzir os estudos, a pesquisa psicanalítica. Para exemplificar, ainda mais, como a técnica da Psicanálise tem estreita relação com o método investigativo, Freud se reporta ao caso “Morelli”, em que vê uma analogia entre os estudos e a pesquisa psicanalítica e os procedimentos adotados pelo pintor e crítico italiano Giovanni Morelli, que criou um método para identificar falsificações de quadros de pintores famosos. Diz Freud:

Parece-me que seu método de investigação tem estreita relação com a técnica da psicanálise que também está acostumada a adivinhar coisas escritas e ocultas a partir de aspectos menosprezados ou não observados, do monte de lixo, por assim dizer, de nossas observações. (FREUD, 1914 vol. XVI).

A total entrega de Freud à psicanálise e ao processo investigativo o levava a arriscar-se nos campos da clínica e da escrita. Dizia-se um “conquistador”, um “aventureiro”, um “curioso”. Outro aspecto singular é o seu interesse pela Arqueologia. Dos fragmentos recolhidos no processo analítico, ia compondo e construindo o todo. Esta sua inclinação e interesse podem ser percebidos, materializados, pela grande coleção de peças antigas que possuía, peças de origem chinesa, egípcia, greco-romana, bem como por sua preciosa biblioteca. Ainda sobre descobertas, Freud afirma, tal qual um arqueólogo, no texto dedicado à Dora, Fragmento da análise de um caso de histeria (1905 [1901]) que,

[...] ante o caráter incompleto dos meus resultados analíticos não me restou senão seguir o exemplo daqueles descobridores que têm a felicidade de trazer à luz do dia, após longo sepultamento, as inestimáveis, embora mutiladas, relíquias da Antiguidade [...] e como um arqueólogo consciencioso, não deixar de assinalar em cada caso o ponto onde minha construção superpõe ao que é autêntico.” (FREUD, 1905. vol. II).

Uma temática misteriosa, instigante é a que diz respeito à autoria em Freud. Seu lugar em relação à função/autor. O mistério é o que envolve a identidade e o nome, quando nos referimos à autoria. O enigma sobre o nome próprio nos remete a algo sempre presente na Psicanálise, ao Nome-do-Pai. Em seu texto *A morte do autor*, Roland Barthes (1984) afirma que o positivismo e a ideologia capitalista inspiraram e deram importância exacerbada à figura do autor e que a literatura, no século XIX, era tiranicamente centrada nele, na sua história, no seu gosto, nas suas paixões. Esse tempo descrito por Barthes (1984) é o tempo de Freud.

No entanto, para Barthes (1984), a escrita “é a destruição de toda voz, de toda origem, pois desde o momento em que um fato é contado para fins intransitivos e não para agir diretamente sobre o real [...] a voz perde a sua origem”. (Barthes, 1984 p. 46). O autor entra na sua própria morte e a escrita começa. Ao suprimir-se o autor em favor da escrita, ao restituir-se o lugar do leitor, o texto escrito passa a ser um espaço de dimensões múltiplas, em que se casam e se contestam escritas variadas, nenhuma delas original. Um palimpsesto.

A regra fundamental da Psicanálise é aquela que apela para que o narrador fale sem despertar interesse especial em nenhum dos aspectos narrados. A escrita do caso se dá num segundo momento, que é o da reconstrução do que já foi contado, que passa a ser um segundo relato a partir de uma análise que tenta desvendar os sinais apontados. Freud tinha um modo cuidadoso de lidar com o material que procedia tanto da clínica quanto da arte. As narradoras e os narradores freudianos são cúmplices da criação da Psicanálise. As interpretações freudianas se constituem numa re-escritura sobre os dramas desses narradores. Drama e interpretação.

No caso do pequeno Hans, que narra a sua história para o pai, que registra a história narrada pelo filho e que a faz chegar às mãos de Freud, o que faz Freud como leitor e escritor? Uma resposta é dada por Roberto Corrêa dos Santos: Freud “[...] cola, monta, produz sintaxe. Montagem de retalhos, incorporando-os. Ao mesmo tempo em que forja uma possível coerência do caso, mantém a sensação do descosturado, do material chegando aos poucos.” (SANTOS, 1999. p. 124/125.) E acrescenta o autor que, fugindo às clássicas regras literárias, essa escrita, montagem de fragmentos, “nasce do próprio abalo da autoridade”. Freud é leitor, é co-autor. Ao reescrever, recria, interfere e se apropria. É autor.

4 FINALIZANDO

No exercício de sua escrita, por meio da observação, da narratividade, da interpretação, da teorização e da fantasia, Freud produziu seres tão potentes como Anna O, o pequeno Hans, que era Herbert, o Homem dos Lobos, o Homem dos Ratos, Schreber, Moisés, narrativas que demonstram a singularidade e a subjetividade do trabalho freudiano de criação.

Ele tinha uma decência, uma preocupação com a recepção de seus escritos tanto pelos seus narradores como pelo público leitor da época chegando a dizer, numa certa

ocasião, que sabia não contar com a afeição de muita gente pois ao lhes dizer coisas “não edificantes”, apesar de não ser essa a sua intenção, o que buscava era a exploração das incógnitas, ou mesmo, a descoberta da verdade. À retórica de Freud, como afirma Santos, (1999. p. 119), integram-se “o controle, a cautela, a delicadeza, a prudência.” Nos escritos freudianos, diversas são as marcas de respeito e amor à alteridade. O que Freud ansiava era minorar o sofrimento do homem.

Ainda segundo Santos (1999) o autor, no texto *Atos ficcionais de Freud*, chama a nossa atenção para o fato de que, para se estar na escrita freudiana, possíveis são as diferentes entradas. É preciso reconhecer a sua formação, o seu gosto cultural, a sua ascendência judaica, sua vasta cultura literária, seu saber humanístico fatores que lhe permitiram construir, em um só projeto, práticas teóricas transdisciplinares que o colocam, além de pensador e cientista, no patamar de um escritor que vai buscar, na experiência literária, a expressão da tragicidade e transgressão que ela porta em si. Experiência que subverte, contesta, ameaça o autor, o leitor, até mesmo a obra.

E a escrita, concebida como exercício do eu, possibilita abordar a posição de Freud como narrador dos dramas cotidianos, vistos por um olhar perscrutador, o seu olhar, que não se conformava com as evidências, com o que lhe era dado a ver, mas que privilegiava o imprevisível, o subjetivo, o que emanava da alma do homem.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Lisboa: Edições 70, 1984. p. 45-54.
- BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter, *Obras completas*. Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1989. V.1. p. 197-221.
- 150 ANOS DE FREUD. S.n.t. Disponível em: www.nivaldocordeiro.org/150anosdefreud.html. Acesso em: 31/10/2006.
- COLUCCI, Vera Lúcia. O que se transmite da escrita de Freud? São Paulo: UNICAMP, 2006. Programa de Doutorado do IEL. Disponível em www.fundametapsychopathology.org/anais2006/4.28.3.3.html. Acesso em: 31/10/2006.
- EAGLETON, Terry. A psicanálise. In: *Teoria da literatura; uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 227-292.
- FREUD, Sigmund. *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1969. Disponível em CD-ROM.
- HANNS, Luiz Alberto. *Uma nova tradução das obras de Freud*. Estados Gerais da Psicanálise: Segundo Encontro Mundial, Rio de Janeiro, 2003.
- SANTOS, Roberto Corrêa dos. Atos ficcionais em Freud. In: SANTOS, Roberto Corrêa dos. *Modos de saber, modos de adoecer; o corpo, a arte, o estilo, a história, a vida, o exterior*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- SOUZA, Paulo César. *FREUD, clássico e pessoal*. Entrevista. S.n.t.
- TEIXEIRA, Leônia Cavalcante. O lugar da literatura na constituição da clínica psicanalítica em Freud. *PSYCHÉ*, Universidade São Marcos, ano IX, n. 16, jul/dez., 2005. p. 115-132.